I.

Jean-Claude Juncker vai fazer amanhã pela última vez o discurso do Estado da União. O presidente da Comissão Europeia deverá apresentar a proposta de criação de uma polícia fronteiriça comunitária.

Na Suécia, esquerda e direita empatam nas legislativas. A extrema-direita está em progressão e ocupa 62 lugares no parlamento.

Nesta edição ainda: Moscovo e Damasco retomam os ataques na província síria de Idlib, o último bastião rebelde do país. Bruxelas fala de uma catástrofe humanitária.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

O presidente da Comissão Europeia vai amanhã fazer o discurso sobre o Estado da União. Entre as propostas para a Europa deverá estar a criação de uma polícia fronteiriça comunitária, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Este vai ser o último discurso sobre o Estado da União de Jean-Claude Juncker como presidente da Comissão Europeia.

A oito meses das eleições europeias, em Maio de 2019, o luxemburguês vai apresentar novas propostas para a Europa.

A criação de uma polícia fronteiriça europeia é uma delas, de acordo com o jornal espanhol *El Pais*. A ideia é que esta força permita transferir de vez a responsabilidade do controlo migratório para o plano comunitário.

Diz a notícia que as migrações serão um dos temas prioritários deste Estado da União — numa altura em que partidos antiimigração assumem governos em vários países do bloco dos 28.

O presidente da Comissão Europeia vai apresentar propostas também no sentido de permitir a facilitação da entrada de migrantes na União Europeia de forma legal e controlada.

Ao mesmo tempo, Juncker quer criar medidas para combater possíveis ataques informáticos e campanhas de desinformação no decorrer das eleições europeias de 2019.

+++

Amanhã então o discurso do Estado da União. O último de Jean-Claude Juncker enquanto presidente da Comissão Europeia. E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e antigo secretário-geral adjunto das Nações Unidas, baseado em Bruxelas, capital da Bélgica.

Victor, o que é podemos esperar amanhã deste último discurso do Estado da União de Juncker?

Para ele é fundamental que o discurso seja um discurso muito substantivo, um discurso com uma visão clara do que deverá ser a União Europeia nos próximos anos, até porque de facto ele neste momento está sobretudo preocupado com o que a história irá dizer sobre a sua presidência da Comissão Europeia. Por isso, vai ser um discurso muito observado, muito analisado, e certamente um discurso com várias facetas, tendo em conta que neste momento União Europeia tem vários desafios pela frente.

Desafios como a migração, que outros, Victor?

Neste momento a União Europeia está relativamente fracturada em termos de países do Leste contra os países ocidentais, digamos assim, dentro da União Europeia, e nomeadamente países com a Hungria e a Polónia. Por outro lado, também continua a haver uma divergência e alguma fractura entre os países do Norte e os países do Sul, em que os países do Norte pensam que os países do Sul - e nomeadamente países como a Itália - não dão suficiente atenção às questões da austeridade e do rigor orçamental. Ou seja, ele vai ter que tratar desta questão das divisões. Também vai ter que tratar de outras questões que são fundamentais para as populações da Europa como, por exemplo, a questão da segurança, a questão do terrorismo e também e acima de tudo, a questão do emprego e do crescimento económico. Depois há as questões de ordem externa, ou seja, as relações da União Europeia com a Turquia, com a Rússia, um pacote de desenvolvimento económico em relação à África. E certamente na cabeça do presidente da Comissão Europeia estará sempre presente também a questão de quem será o próximo presidente e em certa medida ele vai tentar abrir caminho para que alquém da sua família política possa vir a ser o indivíduo que venha a substituir na presidência da Comissão Europeia.

Por falar em sucessor, o alemão Manfred Weber já disse estar disponível para ser o candidato do Partido Popular Europeu à presidência da Comissão Europeia. O que é que se pode dizer deste homem?

É um homem que não está manchado por nenhum escândalo político, nem por nenhuma situação embaraçosa. É também uma pessoa relativamente jovem - tem apenas 46 anos de idade - ou seja, é uma nova geração de dirigentes políticos que está a aparecer. E isso é importante numa altura em que nós temos em MAGAZINE EUROPA

11 de Setembro de 2018

França um presidente jovem, temos na Áustria também um presidente jovem e também noutras partes da Europa.

Agora, Manfred Weber não tem experiência executiva, nunca foi um dirigente de governo e isso é importante em termos da Comissão Europeia. E tem para mim um outro grande problema, é que Manfred Weber no passado recente tem-se alinhado muito com as posições de Victor Orbán. Em certa medida, Weber tem sido um dos defensores no Parlamento Europeu do primeiro-ministro da Hungria, isso evidentemente poderá causar alguns embaraços na sua campanha eleitoral.

De qualquer maneira, eu penso que a candidatura de Manfred Weber pode ser um pano para esconder uma outra candidatura a uma outra instituição europeia. Ou seja, é muito provável que este alemão não consiga ser o presidente da Comissão Europeia e então aparecerá um outro alemão como candidato a presidente do Conselho Europeu em substituição de Donald Tusk. Donald Tusk termina o seu mandato em Novembro de 2019. Um dos nomes possíveis para substituir Donald Tusk poderia ser a própria Angela Merkel.

Pegando já agora nas suas palavras de há pouco. O que é que a história vai dizer da presidência de Juncker?

Eu penso que vai dizer que foi uma presidência que tinha muita ambição no início e que foi perdendo força, foi perdendo energia ao longo do tempo e, em certa medida, Jean-Claude Juncker, que entrou pela porta grande arrisca-se neste momento a sair por uma porta lateral e a ser mais um presidente da Comissão Europeia que terá passado à historia sem entrar na história.

A propósito das eleições europeias, que se vão realizar em Maio de 2019, Juncker deverá ainda apresentar propostas que permitam vigiar e controlar possíveis interferências no processo eleitoral. Como é que isso poderá ser feito?

Vai haver imensa pressão por parte de Bruxelas no que diz respeito às grandes plataformas sociais, de modo a que elas controlem o tipo de publicações que aparecem nessas plataformas e evitem, por exemplo, posições racistas, posições extremistas, mas também haverá uma grande preocupação em evitar que haja uma interferência dos meios de propaganda vindos de Moscovo. E, por isso, a questão da Rússia e da utilização pela Rússia de plataformas sociais para dividir os países europeus e para criar confusão junto do eleitorado europeu é também uma questão fundamental. Neste momento há em Bruxelas um grupo de trabalho que se dedica exclusivamente ao seguimento das intervenções do Kremlin nas plataformas sociais que são vistas na Europa. E o que dizer desta outra proposta do presidente da Comissão Europeia: a criação de uma polícia fronteiriça comunitária?

A proposta parece ir no sentido de se criar uma força de cerca de dez mil pessoas, homens e mulheres, armados, com capacidade de intervenção nas diferentes fronteiras exteriores da União Europeia e em apoio às polícias nacionais de cada um dos estados-membros. Esta questão da polícia fronteiriça europeia é uma questão muito importante para Jean-Claude Juncker na medida em que dará a entender ao eleitorado europeu que a Comissão Europeia e as instituições da Europa estão preocupadas com a protecção das fronteiras exteriores da União Europeia e, além disso, estão extremamente preocupadas com a imigração ilegal e também com a infiltração de possíveis terroristas no espaço europeu.

III.

E ainda na actualidade europeia.

Na Suécia, o bloco governamental de esquerda e a Aliança de centro-direita, na oposição, obtiveram no Domingo um resultado idêntico nas legislativas do país.

A extrema-direita "Democratas da Suécia" converteu-se numa decisiva terceira força. Mais com a jornalista da Antena 1 Carla Pinto.

[Perante a ausência de uma forca maioritária, o primeiro-ministro sueco pede cooperação e diálogo à oposição. O social-democrata Stefan Löfven diz que vai continuar a trabalhar calmamente nas próximas semanas, acrescentando que esta pode ter sido a noite do funeral dos grandes blocos políticos. Os Democratas da Suécia, os nacionalistas anti-imigração dizem estar preparados para conversar e cooperar com todos os outros partidos, com vista a formar governo. Oferta já recusada por um dos partidos da Aliança de centro-direita, agora na oposição, que já pediu a demissão do primeiro-ministro, porque diz que o bloco de centro-esquerda deixou de ter condições para aovernar. Num cenário político muito fragmentado, ninguém chegou seguer perto de metade dos 349 mandados do parlamento sueco. Ainda assim, a Suécia parece ter resistido à febre nacionalista, decorrente da crise dos migrantes.

Os nacionalistas aumentaram a votação em relação às últimas eleições. Cimentam-se como terceira força política, mas ficaram longe dos 20%-30% que esperavam alcançar.

Os outros dois grandes blocos, centro-esquerda até agora no governo, e Aliança do centro-direita na oposição perderam eleitores e estão em empate técnico.]

O país vai ter mais de 60 deputados dos Democratas Suecos, de extrema-direita no parlamento. Este é um sinal de alarme?

Em certa medida sim, embora esta semana haja um certo alívio na Europa pelo facto dos Democratas Suecos não terem conseguido chegar aos 20% do eleitorado. Apesar de tudo, aumentaram o número de deputados. Têm hoje no parlamento sueco mais 13 deputados do que tinham ontem, ou seja, eles pesam no parlamento sueco: 62 deputados num parlamento em que o partido mais importante, que é o Partido Social-Democrata tem 101 – 62 é muita gente. Estes deputados do partido Democratas Suecos são deputados racistas, são deputados de extrema-direita e são também deputados contra o projecto europeu. E isto é evidentemente preocupante – não tão preocupante hoje como tinha sido até Domingo na medida em que, apesar de tudo, a população sueca votou ao centro e votou quer ao centro direita e, sobretudo, ao centro esquerda. Mas a realidade é que o eleitorado sueco voltou a mostrar que continua a ser um eleitorado equilibrado, que continua a ser um eleitorado que recusa as ideias de extremadireita, mas há um progresso da extrema-direita na Suécia como também tem havido um progresso da extrema-direita noutros países europeus.

Temos ainda aqui uma notícia da Euronews, que avança com um estudo que diz, que uma em cada três notícias sobre as eleições suecas é falsa. De acordo com o Oxford Internet Institute, este número de notícias falsas - *junk news* como as chamam - só tinha sido observado nas eleições norte-americanas de 2016. Que impacto real tem a manipulação do resultado de eleições?

Eu creio que tem algum impacto, mas não tem um impacto extraordinário. Tem algum impacto no sentido de gue algumas pessoas, e nomeadamente aqueles que são fanáticos das plataformas sociais, alimentam-se das notícias e das falsas notícias que vêm nessas plataformas, e quando nós – e isso tem-me acontecido quase diariamente – os confrontamos com notícias reais, que estão publicadas em jornais ou que saem nas rádios e televisões credíveis, eles não acreditam nos meios de comunicação tradicionais e continuam a insistir na notícia que viram no facebook ou que leram no twitter ou que souberem de uma outra maneira, uma outra plataforma social. Ou seja, para quem está pronto a acreditar em ideias extremistas, as plataformas sociais têm um peso relativamente importante. O problema é que as plataformas sociais permitem rapidamente estabelecer redes de contactos e muitas vezes nós vemos esses indivíduos mais extremistas passar depois a informação para outras pessoas que estão na sua lista de contactos e amigos e pessoas que normalmente teriam sido

moderadas acabam também por ser radicalizadas. Há o perigo de uma radicalização progressiva das pessoas através destas notícias falsas. E isso explicaria em certa medida o facto de que os partidos de extrema-direita têm todos estado a crescer no espaço político europeu.

IV.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

Na Síria, aumentam os ataques na província de Idlib, o último bastião rebelde do país. As aviações da Síria e da Rússia retomaram os bombardeamentos. A União Europeia chama a atenção para uma catástrofe humanitária.

A Síria não precisa de mais derrame de sangue" disse Federica Mogherini, alta representante da União Europeia para a Política Externa e Segurança.

Na semana passada houve uma reunião entre os ministros da Defesa do bloco comunitário e outra que juntou os representantes dos Negócios Estrangeiros. Foram discutidas formas de como aumentar a assistência humanitária.

A guerra na Síria, desencadeada em 2011 com a repressão de manifestações a favor de reformas democráticas, já causou mais de 350 mil mortos e obrigou milhões a abandonarem as suas casas.

Victor, o que se prevê que vá acontecer agora em Idlib?

Nós vamos assistir a uma ofensiva generalizada das forças militares do regime de Damasco em aliança operacional com os militares russos e eles provavelmente vão tentar acabar com todas as bolsas de resistência que ainda existem na província de Idlib. E vamos provavelmente assistir a uma situação em que, por um lado haverá imensas vítimas civis, por outro lado haverá pessoas que serão deslocadas e terão de procurar refúgio na Turquia, que é o país que neste momento já tem vários milhões de refugiados sírios e que provavelmente irá receber centenas de milhares vindos de Idlib.

Nós estamos perante uma ofensiva militar, que se baseia no principio que é seguido por Putin: que com terroristas não se negoceia, os terroristas são para exterminar. E esta é a última província, onde há ainda um grande número de resistentes armados. Alguns resistentes serão terroristas e estarão ligados evidentemente a grupos extremistas. Outros são pura e simplesmente gente com princípios diferentes e com ideias diferentes das de Al-Assad. Mas a verdade é que a política vai ser acabar com eles e a política vai ser a de criar uma solução militar para a província de Idlib.

Que papel é que a União Europeia pode desempenhar agora e no futuro da Síria?

A União Europeia continuará a assistência humanitária que tem estado a dar aos refugiados sírios, aos deslocados sírios, quer nos países limítrofes, quer dentro da própria Síria. Também poderá no futuro ajudar à própria reconstrução do país se houver um processo político legítimo na Síria sob a direcção das Nações Unidas. Essa é a condição fundamental, ou seja, a União Europeia continua disponível para assistir, mas com base, digamos assim, numa solução política, e não numa solução militar que o governo de Al-Assad e Vladimir Putin procuram impor à Síria.

Por outro lado, a União Europeia está muito preocupada com o papel do Irão naquela região do mundo e certamente a União Europeia irá continuar os contactos políticos com o Irão no quadro do acordo nuclear que ainda está em vigor e que tem a União como um dos signatários. A União Europeia pensa que é fundamental manter esse acordo nuclear e aí há uma grande divergência em relação à posição norte-americana. E a União Europeia vai continuar a tentar trazer o Irão para a mesa das negociações e para o comportamento geopolítico aceitável e isso também é muito importante em termos do papel que a União Europeia possa desempenhar na região.

V.

Victor Angelo todas as semanas connosco aqui no Magazine Europa.

E esta semana, na nota cultural, sugerimos uma exposição para ver em Londres no British Museum. Chama-se "I object", "Eu oponhome", em português.

O escritor e jornalista Ian Hislop partiu em busca da divergência e juntou uma colecção de 100 peças que revelam mensagens subliminares de objecção.

É o caso, por exemplo, de tapetes afegãos feitos durante a guerra com a então União Soviética.

Em exposição também o antigo quadro chinês, que aparentemente revela uma imagem da natureza. Trata-se, no entanto, de uma série de insectos a matarem-se uns aos outros. Académicos interpretam esta obra como um alerta para a exploração chinesa por parte dos mongóis.

Nós hoje ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa

MAGAZINE EUROPA 11 de Setembro de 2018

resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.